

Mistério e desaparecimento de Fernando Pessoa na obra de Enrique Vila-Matas

[Mystery and disappearance of Fernando Pessoa
in the work of Enrique Vila-Matas]

Erivelto da Rocha Carvalho*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Enrique Vila-Matas, Recepção, Intertextualidade, Alteridade.

Resumo

O jogo do “Je est un autre” define uma parte relevante da poética narrativa de Enrique Vila-Matas e funciona como um signo para pensar as conexões de Fernando Pessoa com a obra do autor catalão. Por meio de fragmentos e brevíssimas anotações, este artigo busca traçar uma cartografia mínima da presença de Pessoa em Vila-Matas, destacando questões que dizem respeito tanto a uma poética da desaparecimento na obra do autor catalão quanto a aspectos mais amplos da crítica e da teoria literária contemporânea. Assim, no contato entre a obra vila-matiana e o viés precursor da alteridade pessoana, emergem problemas relativos à impossibilidade de definir o mistério, à filosofia do sujeito na modernidade, aos paradoxos do visível e do invisível na literatura e às fronteiras movediças entre ficção e teoria.

Keywords

Fernando Pessoa, Enrique Vila-Matas, Reception, Intertextuality, Alterity.

Abstract

The game of “Je est un autre” defines a significant part of Enrique Vila-Matas’ poetic narrative and serves as a sign to explore Fernando Pessoa’s connections with the work of the Catalan author. Through fragments and very brief notes, this article aims to outline a minimal cartography of Pessoa’s presence in Vila-Matas, highlighting issues that pertain both to a poetics of disappearance in the Catalan author’s work and to broader concerns in contemporary literary criticism and theory. In this interplay between Vila-Matas’ work and Pessoa’s precursor notion of alterity, questions arise regarding the impossibility of defining mystery, the philosophy of the subject in modernity, the paradoxes of the visible and the invisible in literature, and the fluid boundaries between fiction and theory.

* Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas.

I. Introdução ou: dos princípios

Para dar conta da multiplicidade da poética de Enrique Vila-Matas em torno de Fernando Pessoa seria preciso inventar um crítico como o Luiz Costa Lima, leitor de romances descrito por Ivo BARBIERI (1999). Um crítico que concebesse a ficção como cruzamento de caminhos entre autores afins (por diversos motivos), como certos autores a Pessoa e Vila-Matas: entre esses, seguramente estariam Charles Baudelaire, Antero de Quental (suicida, tal como o amigo do inventor de heterônimos, Mário de Sá-Carneiro), Arthur Rimbaud, Miguel de Unamuno, Teixeira de Pascoaes, Julio Cortázar, Antonio Tabucchi e muitos outros; e ainda alguns fictícios, como Ricardo Reis, Álvaro de Campos e Bernardo Soares. Esse crítico ideal, leitor de romances e tributário de certa tradição da ficção radical, estaria preocupado com o relevo diferenciador dessa ciranda ou constelação de vozes marcadas pelas dissonâncias. Como anota Ivo Barbieri em *Máscaras da mimesis*, esse crítico vislumbraria na constelação de textos ou romances lidos a “modernidade em crise” (BARBIERI, 1999: 168) ou o que VILA-MATAS chama em *Perder teorías* (2010: 28) de “paisagem moral em ruínas”.

Na ausência desse crítico, o exercício aqui proposto é mais simples: observar, numa reduzida série de obras do ficcionista espanhol Enrique Vila-Matas, a presença de Fernando Pessoa e de sua Literatura, seja como figura evocada ou *leit-motiv* conceitual, seja apenas como sombra sugerida. Para tanto, serão consideradas algumas das orientações mais aceitas quanto à ampla ordem de registros evocados pela obra vila-matiana, com destaque para três dimensões específicas: a) alguns de seus romances e coleções de contos, desde um dos mais recentes aos mais consagrados (narrativa ficcional); b) uma parte selecionada de sua ensaística (que se confunde em parte com sua ficção); e c) um texto que pode ser inserido no âmbito da escrita de diários (*Dietario voluble*, 2008).

Junto a uma cartografia mínima da presença e dos rastros pessoanos em Vila-Matas, pretende-se dar ainda outros passos e apenas assinalar brevemente alguns dos problemas de crítica e teoria suscitados pela aproximação a Fernando Pessoa na obra vila-matiana¹. Os movimentos apontados aparecerão como notas dispersas e dialogando entre si a partir daqui, constituindo-se assim mais como um ensaio disperso ou talvez como umas “notas a um texto apagado” a exemplo das do *Livro do desassossego* ([1982] 2023) ou como o tipo de postal infinito de Aleister Crowley

¹ Sobre a relação entre Pessoa e Vila-Matas, ver os estudos iniciais de SIMION (2016) e PORTILLO URIBE (2018), ambos centrados na questão da presença do poeta português no ficcionista espanhol, o segundo com um rastreamento inicial das referências pessoanas em Vila-Matas. Duas aproximações mais parciais ou específicas são as de KLEIN (2009) e GIMÉNEZ (2023). Reconhecendo a relevância de todos os trabalhos mencionados, pretende-se aqui avançar em direção ao tratamento não apenas da presença, mas também de uma paradoxal “ausência” ou dos rastros de Pessoa na poética narrativa vila-matiana.

que dá nome a um capítulo de um dos primeiros livros de Enrique Vila-Matas, *Historia abreviada de la literatura portátil* (1984).

II. Alteridades: mistério e desaparecimento como jogo entre visível e invisível

Num dos mais recentes romances de Vila-Matas, *Montevideo* (2022), o mistério é como a porta condenada de um conto de Julio Cortázar². Está aí e existe, mas trata de desaparecer quando é visto (ou reconhecido): “En realidad, lo visible no es sino un resto de lo invisible” (VILA-MATAS, 2022: 234). O jogo de visível e invisível neste romance e na ficção vila-matiana é o mesmo estabelecido entre mistério e desaparecimento, ou entre o enunciado de um eu e o Outro, ou seja, trata-se do jogo entre o conhecido e o desconhecido, entre o visto / percebido e aquilo que está de alguma forma oculto. Para além da etimologia e das definições possíveis do Mistério, o que o tão bem o caracteriza é exatamente a dificuldade inerente ou a impossibilidade de apreendê-lo, e é por isso que se opta aqui, desde o princípio, por associá-lo analogicamente ao invisível e ao Outro, como cifras decorrentes dessa dificuldade inicial.

Apesar da dificuldade apontada, é possível encontrar uma definição clara do Outro que cifra a experiência do invisível e do Mistério no romance em questão: neste, o personagem do escritor Cuadrelli, sombra da tradição argentina e imagem em negativo de Sergio Chejfec, define o Outro em *Montevideo* como “lo que destruye la lógica, la normalidad, e impide que lo cotidiano siga su curso” (VILA-MATAS, 2022: 256). Consequentemente à sua busca, o narrador do romance (ou do ensaio ou de umas *notas de vida y letras* como as define na primeira seção da obra, denominada *París*), sombra de Cuadrelli, retoma, ao final do percurso do seu relato, a frase ouvida, segundo ele, de sua mãe: “el gran misterio del universo era que hubiera un misterio del universo” (VILA-MATAS, 2022: 300).

Na trama do romance, vai-se assim da busca pelo Mistério, o invisível e o Outro à desaparecimento deste penúltimo narrador em Vila-Matas, que repete, na sua última frase, um dos conhecidos motes pessoais sobre o tema do mistério³, cujas variantes são uma constante na poesia de Pessoa, aparecendo em alguns de seus escritos (e em alguns escritos dos seus outros) de forma a facilitar a constatação não só de sua leitura, mas da estima de Vila-Matas por Pessoa, que o retoma como referência em seu projeto narrativo.

Neste sentido, para anotar somente alguns poucos exemplos precisos entre as variações pessoais sobre este tema, na mesma acepção presente no romance de Vila-Matas, encontram-se os poemas de Caeiro: “Há metafísica bastante em não pensar em nada” e “O mistério das coisas, onde está ele?” de *O guardador de reba-*

² O conto referido é um dos célebres contos de Cortázar e leva justamente o título de “La puerta condenada”. Sua primeira publicação em livro se dá na coletânea de contos *Final del juego* (1956).

³ Como na frase antes citada, o mistério refere-se à frase caeiriana sobre o “mysterio das cousas”, que aparecerá a seguir.

nhos. No *Fausto*, aparece nos versos que começam “O mistério supremo do Universo” e “O único mistério do Universo”. Nas poesias de Álvaro de Campos, surge no poema “Ah, perante esta única realidade, que é o mistério”, ao referir o mistério como realidade absoluta desde a disjuntiva de que “tudo é inconsciência”.

[Caeiro]

O mysterio das cousas? Sei lá o que é mysterio!
O unico mysterio é haver quem pense no mysterio.

(PESSOA, 2016: 37)

O mysterio das cousas, onde está elle?
Onde está elle que não apparece
Pelo menos a mostrar-nos que é mysterio?

(PESSOA, 2016: 66)

[Fausto]

O mysterio supremo do Universo,
O unico mysterio, tudo e em tudo
É haver um mysterio do universo,
É haver o universo, qualquer cousa,
É haver haver. [...]

(PESSOA, 2018: 202)

O unico mysterio no universo
É haver um mysterio do universo.

(PESSOA, 2018: 232)

[Campos]

Ah, perante esta unica realidade, que é o mysterio,
Perante esta unica realidade terrivel – a de haver uma realidade,
Perante este horrivel ser que é haver ser,
Perante este abysmo de existir um abysmo,
Este abysmo de a existencia de tudo ser um abysmo,
Ser um abysmo por simplesmente ser,
Por poder ser,
Por haver ser!

(PESSOA, 2014: 220)

Ressalte-se, neste contexto, mais que a presença de Pessoa em Vila-Matas, o alegre especular do ficcionista espanhol sobre o tema da (in)consciência ou da alteridade ligado ao Outro, marca do Mistério e do oculto tão visível ou invisível e (in)definível quanto o teorizar sobre ele. Do jogo do ser ou não ser, passa-se ao *ser e não ser* que é próprio da vida da ficção.

Dessa forma, a presença de Pessoa em Vila-Matas não se limita a meras alusões ou citações ocasionais, mas se inscreve em um jogo profundo entre literatura e pensamento, visível e invisível, presença e desaparecimento. O romance *Montevideo* não apenas revisita a questão do Mistério, mas o reinscreve no tecido narrativo como um enigma irresoluto, um motor de reflexões sobre a natureza do próprio ato de escrever. Se, em Pessoa, o Mistério se confunde com a própria existência – “O único mistério no universo | é haver um mistério do universo” – em Vila-Matas, ele se torna uma experiência de apagamento e deslocamento, na qual o sujeito e a escrita se desdobram em múltiplas sombras e ecos. O narrador, ao final, não chega a uma revelação, mas a uma consciência do inatingível, da impossibilidade de definir o Mistério sem, paradoxalmente, dissipá-lo. Assim, a intertextualidade entre Pessoa e Vila-Matas não apenas evidencia a admiração do ficcionista espanhol pelo poeta português, mas também sugere que, na literatura, a verdadeira permanência está na capacidade de reinventar o enigma – de modo que o Mistério, longe de ser resolvido, continua a ecoar na literatura como um horizonte sempre fugidio.

III. Da ficção à teoria: ida e volta

No final do assim denominado livro vermelho (em *Perder teorías*), o narrador, que propositalmente desaparece em meio a um Congresso literário sem se fazer notar, observa:

Media hora después, mirando a través de la puerta vidriera de la sala de espera de la estación central de Lyon, mientras esperaba que llegara el tren que tenía que acercarme a Barcelona, volví a acordarme de Fernando Pessoa y del “sagrado instinto de no tener teorías” del que hablaba en su *Libro del desasosiego*. Y entonces me pregunté qué sentido tenía pasar a la práctica una teoría que en definitiva ya tenía escrita. ¿Acaso no bastaba con la teoría? A fin de cuentas, haberla escrito era como desembarazarse de ella, haber dejado atrás una gestación opresiva y poder de nuevo recuperar esa libertad del espíritu vacante, tan extremadamente deseable. Además —pensé— toda teoría acerca de la construcción de una determinada novela es algo que, en cualquier caso, uno siempre construye después de haber terminado una novela. Porque uno escribe desde la incertidumbre y eso es lo que le permite avanzar, lo que le divierte y al mismo tiempo le intriga. De lo contrario, de tenerlo todo claro desde el principio, probablemente ni siquiera haría falta escribir el libro.

(VILA-MATAS, 2010b: 61-62; nota 16)

Da nota anterior, ressalte-se inicialmente a presença de uma espécie de teoria do romance em miniatura, a teoria de um romance que se escreve sem trama prévia. Ao mesmo tempo, a teoria em si aparece como um monstro de muitas cabeças que ameaça a escrita literária (assim como a crítica, acrescente-se) e perfila essa Suma do *hacer teoría al andar* (parafraseando outro mestre dos heterônimos, Antonio Machado) que abre as portas para o salto presente no seu romance seguinte, *Dublinesca* (2010), no qual *Perder teorías* é mencionado indiretamente (sem menção direta ao

título) como capítulo extraviado do romance centrado na Dublin de Joyce e Beckett. De fato, há algo de pessoano ou heteronímico na aventura do protagonista Ribas, editor frustrado em busca de um autor que se perde em meio às ruas de Dublin acompanhado de um grupo de escritores (a Ordem de Finnegans), que multiplicam a sombra do autor que o fracassado protagonista busca.

No entanto, para este artigo, o mais relevante em *Perder teorias* não é tanto o uso das referências ao *Livro do Desassossego* ao longo da narração, mas sim o papel ocupado por Pessoa na estrutura dessa obra, que marca uma virada na poética vila-matiana, posterior à redação da chamada “Catedral Metaliterária”, a trilogia que consolida o período mais conhecido da sua produção. Antecedendo a nota em que formula sua teoria do romance do futuro ou, como afirma, do seu próprio futuro romance (VILA-MATAS, 2010b: 27), o narrador registra, na Nota 6, os esboços dos elementos que dão base à mencionada teoria (ou anti-teoria) forjada neste romance.

Segundo este mesmo narrador, entre as coisas pensadas durante o jantar e anotadas, encontram-se o ponto d) e o ponto e):

d) “¡Viajar! ¡Perder países!”>> (Fernando Pessoa).

e) ¡Escribir! ¡Perder libros, perderlos todos!

(VILA-MATAS, 2010b: 25)

Já entre as coisas pensadas e não anotadas se encontra apenas um apontamento, um em que registra que está por se escrever um livro “que hable de los diferentes autores literarios que trataron del tema general de la espera en relación con el desasosiego y la interrogación metafísica” (VILA-MATAS, 2010b: 26).

Fundamentalmente, o que se percebe aqui é o paralelo traçado diretamente entre a indagação (ou perturbação) metafísica de Pessoa e o seu projeto literário, retomado por Vila-Matas em outra perspectiva, a partir de uma peculiar rede de conexões que propõe uma espécie de cânone transversal (ou diagonal) da Literatura, formado por diversas constelações que se movem de acordo com os próprios textos (e leitores). No caso do livro ideal antes mencionado, ele incorporaria um sistema de referências formado por Nerval, Breton, Buzatti, Gracq (especialmente o do *Mar de Sirtes*, 1951), o Coetzee de *Esperando os bárbaros* (1980) e o Juan Benet de *Na penumbra* (1982), assim como Beckett e outros textos e autores de uma tradição híbrida e sem fronteiras.

É interessante notar o papel fundacional atribuível a Pessoa na formulação dessa perspectiva, não apenas pela disposição em subverter a lógica do hipertextualismo contemporâneo, sequestrado pelos interesses do mercado e pelo presentismo crítico, mas porque, em Pessoa, cifra-se uma maneira de conceber a Literatura que baseia a *poética da desaparecimento* vila-matiana, aquela que havia já dado frutos em *Doutor Pasavento* (2005) e que está em boa parte centrada nessa ideia (aparentemente) tão simples de “ser outro constantemente” – do poema ortônimo “Viajar! Perder

países!” – ou de “viver é ser outro” (PESSOA, 2023: 298), como anota Bernardo Soares no *Livro do desassossego*.

[*Livro do desassossego*]

... o sagrado instinto de não ter theorias...

(PESSOA, 2010: I, 465; cota 2-8^r; cf. <https://ldod.uc.pt/>)

Viajar? Para viajar basta existir. Vou de dia para dia, como de estação para estação, no comboio do meu corpo, ou do meu destino, debruçado sobre as ruas e as praças, sobre os gestos e os rostos, sempre eguaes e sempre diferentes, como, afinal, as paisagens são.

(PESSOA, 2010: I, 370; cota 2-51^r; cf. <https://ldod.uc.pt/>)

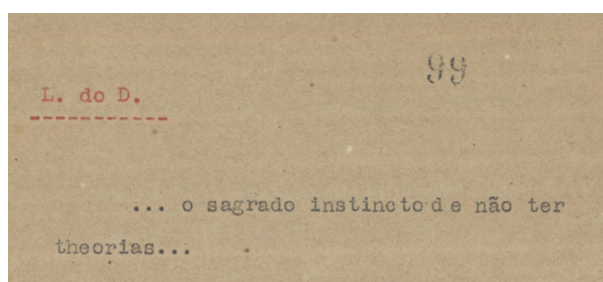


Fig. 1. Apontamento solto, com indicação inicial.

[Poesia ortónima]

Viajar! Perder paizes!
Ser outro constantemente,
Por a alma não ter raizes
De viver de ver somente!

Não pertencer nem a mim!
Ir em frente, ir a seguir
A ausencia de ter um fim,
E da ansia de o conseguir!

Viajar assim é viagem.
Mas faço-o sem ter de meu
Mais que o sonho da passagem.
O resto é só terra e céu.

(PESSOA, 2004: 148; cota 118-24^r)

Na perspectiva vila-matiana, esta vai ser a tônica na sua obra desde então: escrever é perder-se na escritura, ler é perder-se na leitura, e tudo indica que é precisamente nessa disposição que reside a *poética da desapareção* em sua obra. Num sentido mais lato a ser aqui reivindicado, a operação levada a cabo por toda crítica verdadeira é também perder-se em meio a estes diversos ofícios.

Se viajar é perder países e escrever é perder livros, como propõe Vila-Matas em *Perder teorías*, não seria a literatura, em sua essência, um exercício de desaparecimento? É nessa lógica que o diálogo com Pessoa adquire uma importância estrutural, pois em ambos, a escrita não é um lugar de fixação, mas um fluxo constante de deslocamentos. A poética da desapareção vila-matiana, que já se delineava em *Doutor Pasavento*, encontra em Pessoa um modelo possível: não apenas aquele que multiplicou a si mesmo em heterônimos, mas também o que escreveu que “viver é ser outro” e que “para viajar basta existir”. Como Bernardo Soares, o narrador de *Perder teorías* parece não desejar um sistema, mas antes um estado de errância, no qual a teoria é uma sombra projetada depois do ato criador, algo a se perder como se perdem livros ou países.

O desassossego, que em Pessoa é um estado ontológico, transforma-se em Vila-Matas em uma prática literária que contamina tanto a escrita quanto a leitura. Se Pessoa escreveu que “o único mistério no universo é haver um mistério no universo”, o narrador de *Perder teorías* reformula essa ideia ao perguntar “acaso não basta com a teoria?”, sugerindo que todo sistema literário, assim como toda tentativa de apreender o mistério, é sempre posterior e, em última instância, dispensável. Como os personagens que povoam seus romances, Vila-Matas se inscreve na tradição daqueles que fazem da literatura um espaço de hesitação, de fronteiras instáveis entre realidade e ficção, teoria e prática, presença e ausência.

Nesse jogo de espelhos, a lição pessoana não é apenas citada, mas encarnada na própria estrutura do romance e de sua poética. O narrador que desaparece sem ser notado reflete o ideal pessoano de esvaziamento do eu: “não pertencer nem a mim!”, escreve Pessoa no poema “Viajar! Perder países!” – verso que ecoa na errância literária de Vila-Matas. O cânone diagonal que o autor propõe, atravessando Nerval, Breton, Beckett e Coetzee, encontra em Pessoa não apenas mais uma referência, mas um fundamento: a certeza de que a literatura não se constrói sobre verdades fixas, mas sobre a consciência de sua própria perda. Escrever, afinal, é perder-se – e, talvez, seja nesse extravio que reside a verdadeira continuidade da literatura.

IV. Pessoa na Trilogia Metaliterária: busca e reaparição do “eu”

Seguindo a pista das aparições e desaparecimentos de Pessoa nos romances de Vila-Matas, poderia se traçar na sua *Trilogia Metaliterária*⁴ um rápido caminho que vai da retomada do tópico do mistério em *Bartleby & compañía* (2000), sua obra sobre os escritores do Não (aqueles que abandonam a escritura)⁵, passando por uma referência

⁴ Em perspectivas distintas a aqui adotada, o problema do sujeito moderno na trilogia vila-matiana já foi abordado por CASTRO FERNÁNDEZ (2016) e RODRÍGUEZ DE ARCE (2016).

⁵ A Nota 81 deste livro organizado como um “caderno de notas de pé de página que comentarão um texto invisível” faz referência à mesma frase presente em *Montevideo*, “o único mistério é haver

ao desassossegado “sagrado instinto de não ter teorias”⁶ em *El Mal de Montano* (2002) até chegar à desaparecimento total do autor e da Literatura em *Doutor Passavento*.

Entretanto, é especialmente curioso o fato de que, nesta última obra, Fernando Pessoa não seja mencionado nem apenas uma única vez. Ao invés disso, aparece em seu lugar o rei Dom Sebastião, numa breve nota do narrador cuja identidade é por diversas vezes trocada:

Escribí el relato ultracorto y luego rescaté del maletín rojo un libro sobre el mito de la desaparición del rey portugués Don Sebastián y volví a adentrarme, con la misma fascinación de siempre, en la leyenda de ese joven que en 1578 se perdió en la batalla de Alcazarquivir. Estuve releendo en mi cuarto ese libro sobre el mito de la desaparición de Don Sebastián, mito que no funciona si no va acompañado por la idea de una reaparición, de igual modo que a mí me parece que, en la historia de la desaparición del sujeto moderno, la pasión por desaparecer es al mismo tiempo un intento de afirmación del yo. Hacia el mediodía cerré el libro y reaparecí en el hall de hotel, encaminé mis pasos hacia la sala de conexiones con Internet. Llevaba una semana sin mirar mi correo electrónico y pensé que tal vez se había vuelto ya urgente saber cómo andaban las cosas en la pantalla de mi vida artificial.

(VILA-MATAS, 2016: 187)

Ao longo do livro, o narrador múltiplo vai destilando assim o fio de Ariadne de suas constelações acerca da “história da desaparecimento do sujeito”, dessa vez especialmente configurada pela cadeia formada por Robert Walser-e-Montaigne, Sebald-Pynchon-Cervantes-Sterne-Bernardo Atxaga e o próprio Vila-Matas anterior, todos eles irmanados num texto que questiona os lugares comuns no relativo às fronteiras entre ficção, ensaio e autobiografia, e que culmina numa digressão cíclica sobre o que denomina de “mito da desaparecimento do sujeito” na modernidade, que tem como um dos seus pressupostos fundamentais o constante processo de reaparecimento e afirmação do “eu”.

E aqui pergunto: na espessa névoa que encobre o romance contemporâneo, haverá algum livro mais pessoano (e mais unamuniano) possível?

Assim, na arquitetura da *Trilogia Metaliterária*, Pessoa não é apenas uma referência intermitente, mas um espectro que ressurgue nos vazios e nas trocas de identidade, nos jogos entre ausência e reaparecimento. A ausência explícita de seu nome em *Doutor Pasavento*, substituído pela figura mítica de Dom Sebastião, sugere uma metamorfose do próprio Pessoa em signo da errância literária: um autor que desaparece para reaparecer transfigurado, como parte de uma linhagem que redefine a própria ideia do sujeito na literatura. E se Pessoa afirmava que viver era ser

quem pense no mistério”, e remete a um tipo de “serenidade” que pode ser relacionada com a “plenitude suicida” de *Suicídios ejemplares* (1991), a ser abordada ainda mais adiante.

⁵ Presente na terceira parte desta novela-ensaio, intitulada sintomaticamente de “Teoría de Budapest”. Acerca deste livro, conferir nossa não-conferência (publ. em 23-09-2020), na mesa “(In)sanar el mundo: Literatura em espanhol e as crises...”. https://www.youtube.com/watch?v=5ccK1MIa_pM

outro, Vila-Matas leva essa máxima ao extremo ao construir um romance onde a desapareção é, paradoxalmente, a mais radical forma de presença.

V. Ficção de interlúdio: de Brasília à arte da citação desencontrada

Também em Brasília, capital do Brasil, existem leitores de Pessoa, como já o sabia Renato Russo, que, numa canção chamada “L’age dor”, escrevia que “O maior segredo é não haver mistério algum” (RUSSO, 1991). Sua citação distorcida de Pessoa (que não remete de forma exata a nenhum de seus versos, exatamente por se tratar de uma distorção) é como a sombra do poeta evocada por Vila-Matas, deslocada e vista desde outro tempo e perspectiva. Mas essa canção errônea não é também a prova da permanência da poesia de Pessoa na nossa época, para além do tempo e do espaço? Não era essa a sua aposta na sobrevida de um “Super-Camões” (na revista *A Águia*, em 1912)?

Em outra chave, o poeta Nicolas Behr (radicado em Brasília) recupera o lado “menor” (não pequeno) de Pessoa, ao recitar num livro chamado *Rasília* (2020) a epopeia dos heróis desconhecidos do resto da nação. Gente que formou Brasília e foi, em boa parte, esquecida por ela, seja por descaso ou ignorância. Neste outro ciclo, que em boa medida coaduna com alguma ironia presente na poesia profética de Pessoa, aparece um poema dedicado a um príncipe brasileiro do samba:

MANOEL BRIGADEIRO

onde fica teu reino,
príncipe africano?

no país do samba,
do qual sou embaixador

e as tuas credenciais?

talento / simpatia / elegância

nem precisava
ser compositor.

(BEHR, 2020: 60)

Numa leitura também deslocada do clássico de Pessoa, Behr retrata os “heróis” da saga da construção de Brasília através da glosa irônica ao modelo da seção “Brasão” da *Mensagem* (1934) pessoana. Seu comentário sobre figuras marcantes da história brasileira lança-se a um tipo de reescritura em palimpsesto de Pessoa, tal qual esse o fizera com o poema épico de Camões, com a diferença de que, ao que parece, em *Rasília*, não parece haver futuro possível ou ao menos previsto. No desfile das figuras evocadas por Behr, não há espaço para a presença de um oculto Encoberto.

Outra leitura de Pessoa em Brasília é a do filósofo Isaque de CARVALHO, que lembra na sua tese *Mistério, repetição e poesia: História e trans-historicidade no pensamento de Eudoro de Sousa* (2020) da persistência da cosmovisão pessoana através do filósofo luso-brasileiro radicado na capital brasileira. Eudoro de Sousa, pai do poeta Eudoro Augusto, recém-falecido, destaca a dimensão do excesso do poético, concebendo o mistério da poesia como experiência do inexaurível a partir da leitura filológica de dois poemas de Álvaro de Campos (“Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir” e o chamado pelo filósofo de “Ode à Noite”, que começa com o verso “Vem, Noite antiquíssima e idêntica,”)⁷. Nem precisava dizer que esse atento leitor pessoano⁸, perdido nas brumas do poeta lusíada, retoma em Eudoro de Sousa aquilo que é próprio deste, algo que transparece em títulos tão sugestivos como *Horizonte e complementaridade* (1975), que apontam simultaneamente para o paradoxo do visível e do invisível e as conexões que ligam poesia e pensamento metafísico.

Enfim, tanto as citações literárias deslocadas como o rastro filosófico derivado da leitura literária recolocam o espaço da ficção e da teoria através da *poiesis*, algo imprescindível para qualquer aproximação à prosa romanesca contemporânea que vá além de uma teoria dos gêneros literários ou do romance tomado como gênero literário.

Seja na citação desencontrada de Renato Russo, na glosa irônica de Nicolas Behr ou na reflexão filosófica de Eudoro de Sousa ou Isaque de Carvalho, Pessoa persiste como um enigma, fragmentado e refratado em leituras que o deslocam e reinventam. Entre a erudição e o equívoco, entre a tradição e a ruptura, sua presença na ficção e na teoria resiste como um palimpsesto aberto, onde cada leitura reabre o mistério da poesia como um gesto de reaparição. Afinal, como ele próprio escreveu, “tudo quanto se sonha é a verdade exata”.

VI. Vila-Matas ressuscitado: suicídios literários no Mirador de Santa Luzia

Volto aqui ao desaparecido Vila-Matas, antes de passar à sua produção considerada ensaística (ou publicada como tal). Volto também às suas conexões com a Literatura, para, por meio estas, alcançar Fernando Pessoa. Para encontrar Pessoa ou a Literatura, é preciso primeiro percorrer outros autores, ou seja, mover-se pela Lite-

⁷ Sobre este ponto, ver os ensaios “Objectividade poética” e “Um poema ‘dionisiaco’ de Álvaro de Campos”, ambos incluídos em SOUSA (2000a e 2000b). Álvaro de Campos é mencionado mais de uma vez nos ensaios de Enrique Vila-Matas e tem uma seção própria em *Para acabar com os números redondos* (2011).

⁸ Sobre o conceito de Mistério em Eudoro de Sousa, ver ainda CARVALHO NETO (2023). Ainda que Eudoro de Sousa encaminhe aqui sua especulação chamando atenção para o âmbito das religiões e de sua história, interessa perceber a dubiedade própria erguida a partir do Mistério, concebido simultaneamente como cifra e experiência de uma realidade *sui generis* e tomado como marcador de um aquém e além do horizonte que conforma o campo da *poiesis* e da experiência estética.

ratura para abraçar Pessoa, que é pura Literatura, isto é, atravessar a Literatura para tocar na Literatura. A posição do crítico desconfiado do jogo da “pura textualidade” (LIMA, 2007: 721) em que se transformou a crítica contemporânea é a de ir traçando pontes e procurando associações inauditas entre autores que guardam distância apenas aparente entre si. Para os desavisados, a moeda borgiana reduziu o espaço da teoria ao abarcar tudo a partir da ficção, mas vendo desde outra perspectiva, ela abriu espaço para que a teoria se aproximasse da ficção desde um olhar inovador, a partir de uma profunda reflexão sobre o estatuto da verdade narrativa, reflexão que procede das Vanguardas históricas e de determinadas correntes de pensamento advindas do Romantismo – cuja resenha não cabe neste espaço⁹.

A busca pelo Pessoa lido por Vila-Matas toma aqui uma feição parecida à da alucinação do *Requiem* (1991), de Antonio Tabucchi, cujo narrador procura o poeta português no verão ensolarado de uma novela escrita em português. Tabucchi é uma dessas figuras tutelares evocadas por Vila-Matas para chegar a Pessoa, sombra que serve de instrumento para chegar à sombra de Pessoa, assim como a evocada sombra de Beckett serve para chegar a Joyce em *Dublinesca*. É necessário pensar que esta retomada de Pessoa num jogo de sombras não se dá num sentido único e faz parte da poética intertextual já definida pelo ficcionista espanhol como um *tapiz que se dispara em muchas direcciones* (VILA-MATAS, 2008a: 61-78), fórmula e título que sintetizam um texto que pode ser lido como uma brevíssima poética da ficção.

Assim, é conveniente não esquecer as palavras de Unamuno, ainda que exageradas (ou não): num artigo publicado no início do século passado (1909), o pensador espanhol se referia à Portugal como um “povo de suicidas” ou um “povo suicida”, e é partir dessa sombra pouco visível na sua obra (e, portanto, muito presente) que Vila-Matas constrói um de seus livros decisivos no que se refere à sua releitura (ou reescritura) da poética pessoana da alteridade, que é *Suicídios ejemplares* (1991). Nele, se reproduz como epílogo uma espécie de paráfrase da famosa carta que Sá-Carneiro escreve a Pessoa anunciando seu suicídio (datada de 31-03-2016), com o acréscimo da explosiva frase e título “mas não façamos mais Literatura”, com a recomendação de que o amigo dispusera a posteriori de seus textos como “se fosse eu mesmo”¹⁰:

PERO NO HAGAMOS MÁS LITERATURA

Pero no hagamos más literatura. Por este mismo correo (o mañana) te envío, certificado, mi cuaderno de versos, que guardarás, y del que podrás disponer para cualquier fin como si

⁹ Sobre o tema das Vanguardas e Vila-Matas, ver o ensaio de FONSECA (2018).

¹⁰ E não “como se fosse seu”, como de fato aparece na carta de SÁ-CARNEIRO (2004: 374). No jogo ficcional da escrita vila-matiana, o que importa não é a fidelidade ao original, claro, mas sim o efeito que se tira da distorção do sentido em uma citação apócrifa, deslocada ou incompleta. Por esse viés, também é possível entender melhor o caráter *literário* do suicídio na obra em questão.

fueras yo mismo [...] Adiós. Si mañana no consigo la estricnina en dosis suficientes, me arrojaré al metro... No te enfades conmigo.

(VILA-MATAS, 1991: 173)

Tanto o suicídio literário como a multiplicidade do “eu” são aspectos que aproximam a obra de Vila-Matas às obras de Pessoa e seu contemporâneo Mário de Sá-Carneiro, seja qual for o sentido que se queira dar às suas diferenças quanto a certas dimensões do fazer literário.

De Pessoa e Sá-Carneiro, pode-se dizer que os aspectos mencionados e suas implicações levam a um suposto apagamento da personalidade artística do poeta, enquanto que, em Vila-Matas, ela significa uma reaparição da figura do autor desbotada pelas teorias que decretaram a morte do autor e da arte na segunda metade do século XX¹¹. Vale ainda notar que, se nos poetas portugueses, o tom que predomina quanto ao suicídio literário é o da tragédia e da melancolia estoica; na obra de Vila-Matas (publicada sintomaticamente no mesmo ano daquela do *réquiem* de sua sombra literária escolhida), ele convida primeiro à nostalgia, depois a uma “tristeza muito humorística” para alcançar um tipo de “plenitude suicida” que envolve o leitor tanto no prólogo “Viajar, perder países” (em que descreve as fases antes citadas) quanto no primeiro dos suicídios ou no primeiro fracassado suicídio contemplado desde o mirador de Santa Luzia, em Lisboa, desfecho do conto intitulado “Muerte por saudade”. Uma plenitude irônica e cômica, mas plenitude ao final.

VII. Ensaio e/ou ficção? Para uma cartografia de Pessoa em Vila-Matas

Se nas obras comumente classificadas como “novelas” (“romances”, em português) de Enrique Vila-Matas (ou mesmo em seus livros de contos, como o mencionado *Suicídios ejemplares*) é possível perceber o rastro da figura de Pessoa e da sua poética, seja como personagem, seja como *leitmotiv* (ou *macguffin*) de uma *poética da desaparecimento* (que poderia nos levar a uma poesia do mistério como a de Álvaro de Campos, conforme formulado por Eudoro de Sousa¹²), na sua obra mais propriamente ensaística (as classificações de gênero são sempre questionáveis aqui), o poeta português aparece também com destaque, ainda que não seja uma divindade onipresente. Dos textos deste último tipo já compilados de Vila-Matas, seleciono alguns do livro *Una vida absolutamente maravillosa* (2011), não só pela aparição de Pessoa em alguns destes ensaios, mas também pela relação possível de ser estabelecida com a antes mencionada virada literária começada em *Perder Teorías*.

¹¹ Tal como assinalado por HERRERA LÓPEZ (2012) em sua análise de *Dublinesca*.

¹² Nos antes citados textos de Eudoro de SOUSA (2000a e 2000b), a poesia do mistério em Pessoa radica no Mistério da Poesia entendida como experiência do inexaurível residente paradoxalmente no silêncio da noite que define a palavra poética. Neste sentido, quanto mais o crítico pretende circunscrever essa experiência e a própria noção do Mistério, tanto mais ela escapa dele.

Dos 52 textos que compõem o volume (incluído como título único, nesta conta, o conjunto de 52 textos de “Para acabar con los números redondos”) há mais de uma dezena que remetem de uma forma ou de outra à matéria pessoana, sendo que pelo menos 7 deles giram em torno de Fernando Pessoa e/ou seus heterônimos. Dessa série se distinguem, por sua peculiar aproximação, as duas notas sobre Pessoa e Álvaro de Campos em “Para acabar con los números redondos” e os intitulados “Janelas Verdes Dream” (uma espécie de conto ou relato circular sobre um autor que é sombra da lembrança de uma cidade, Lisboa) e “Mastroianni sur Mer” (em que se evoca Pessoa para construir uma reflexão sobre a alteridade literária, a multiplicidade de vozes como marco da modernidade, a configuração de uma “família Pessoa” na Literatura e a tomada de sua obra como pano de fundo, cenário “externo” ou paisagem interior da obra vila-matiana a partir de uma leitura da adaptação cinematográfica do romance de Tabucchi, *Afirma Pereira*, de 1994). Para além destes, destaca-se especialmente o até então inédito “Me llamo Tabucchi, como todo el mundo”, que recupera elementos dos dois últimos aqui citados, e outros textos não explicitamente ligados a Pessoa que compõe o livro.

No texto até então inédito, Vila-Matas cifra uma espécie de poética da citação e das filiações literárias a partir das suas relações com Antonio Tabucchi, que são incompreensíveis se desconsiderarmos a importância de Fernando Pessoa como modelo (ou fantasma) para ambos:

Cuando conocí a Antonio Tabucchi, le pregunté si había veraneado alguna vez en Cadaqués y me dijo que sí y pronto vimos que yo era el niño que encontraba estúpidos a los adultos. Poco tiempo después de descubrir este gran recuerdo verdadero que parecía unirnos más allá de la vida y del tiempo, yo leí que Tabucchi se consideraba la sombra de Pessoa y decidí convertirme en la sombra de Tabucchi para así tratar de ser la sombra de una sombra de una sombra. Hoy, que ya sólo soy la sombra de mi vecino, voy delante de una expedición fantasma, de ese recuerdo inventado.

(VILA-MATAS, 2011: 303)

E um pouco mais adiante:

Sí, es verdad. Escribimos siempre después de los otros. Y a mí no me causa problema recordar frecuentemente esa evidencia. Es más, me gusta hacerlo, porque en mí anida un declarado deseo de no ser nunca únicamente yo mismo, sino ser también *descaradamente los otros* [en itálico en el texto].

Me llamo Tabucchi como todo el mundo. Y al igual que él, dudo, por ejemplo, de la existencia de Borges y pienso que el rechazo de éste a una identidad personal (su afán de no ser nadie) nunca fue tan sólo una actitud existencial llena de ironía, sino más bien el tema central de su obra

(VILA-MATAS, 2011: 307)

Troque-se aqui Borges por Pessoa e o resultado é o mesmo, ou quase. O que interessa é fazer notar que este ensaísta (que também escreve o conto de uma autobio-

grafia literária) remete invariavelmente a essa máquina de sentidos que é o texto, visto não como algo que se apaga numa negatividade impassível, senão como um veículo de algo que lhe transcende e que cumpre com a função de mostrar / apresentar / revelar algo, mesmo que seja de maneira paradoxal.

Para não expandir ainda mais o artigo, note-se apenas que esta disposição de escrever uma autobiografia literária apócrifa (que já havia sido apresentada na sua obra num texto chamado de “Autobiografia Literária”) de um narrador que não diz o seu nome e remete a outros escritores para uma autodefinição é algo que pode ser pensado desde a situação específica da crise da noção de sujeito, que define por sua vez a própria condição da modernidade, tal como glosado em *Doutor Passavento*.

Paradoxalmente, dita crise remete ao que Vila-Matas havia chamado em “Um tapiz que se dispara em muitas direções” de “odisseia da identidade” (VILA-MATAS, 2008: 72). Em *Dietario Voluble* (2008), obra que reúne textos publicados em jornais e notas de uma espécie de diário literário, situação semelhante de Outramento vai se dar, por via negativa, a partir da aparição de um escritor fantasma que é Antoni Casas Ros, de cuja identidade Vila-Matas se desmarca publicamente, mas cuja (in)existência não deixa de acentuar o labiríntico jogo de espelhos de uma identidade constantemente apagada e reescrita.

VIII. Buscando a penúltima porta: fratura do sujeito e heteronimismo

Mesmo quando não o cita, é certo que Vila-Matas reivindica o Outramento pessoano como marca de uma ficção radical, um tipo de texto literário em que as fronteiras de gênero são questionadas a partir de uma perspectiva híbrida. Não há muito que dizer sobre isso, pois trata-se de algo bastante evidente para qualquer leitor mediano dos dois autores, assim como são evidentes as correspondências que existem entre suas respectivas obras, no que pese as diferenças aí também existentes. Se a *poética da desaparecimento* em Vila-Matas corresponde a um reposicionamento da figura do autor depois da virada linguística pós-estruturalista; em Pessoa, o projeto heteronímico levava a uma espécie de despersonalização anti-mimética baseado na multiplicação das facetas que compunham um “eu”. O caso de Bernardo Soares, apresentado como “semi-heteronymo” (PESSOA; 1985: 235), ilustra bem a natureza paradoxal desse projeto, uma vez que, ao ser definido como parte de Fernando Pessoa, ele não deixava de ser também um adendo à personalidade literária do mesmo¹³.

¹³ Sobre o tema da alteridade pessoana, ver o capítulo III do ainda incontornável livro de PERRONE-MOISÉS (*Fernando Pessoa: além do eu, quem do outro*, 1982). Segue particularmente válida sua análise da despersonalização pessoana, que constata o trânsito entre o polo negativo da multiplicação-eliminação do “eu” e o profundo movimento de afirmação presente na obra de Pessoa, cuja persona é vista em si mesma como uma ficção.

Entra-se aqui num ponto que diz respeito não tanto à recepção de Fernando Pessoa em Vila-Matas, mas a algo que pode causar uma reflexão a partir dos contrastes e semelhanças encontrados nessa aproximação: é possível pensar o jogo duchampiano¹⁴ proposto pela Literatura vila-matiana ou a teoria do heteronimismo com sua poética muito particular relacionando-os às discussões sobre a filosofia do sujeito na modernidade? Pelo antes discutido, parece claro que sim, mas do ponto de vista filológico essa operação, longe de se constituir como um desenvolvimento específico de um discurso que se queira filosófico ou metafísico, ganha mais se nos ativermos à contribuição que a Literatura pode oferecer, sobretudo se entendermos a ambiguidade e o hibridismo da linguagem literária como possibilidades para inferência dessa problemática. Diante da crise da linguagem e das formas tradicionais de representação do mundo, a fragmentação e multiplicação dos discursos do “eu” (embalado por uma crise da própria ideia de uma consciência unitária) deixam ver como as obras dos dois autores destacados oferecem saídas possíveis (ou ao menos indagações que podem indicar futuras saídas ou desdobramentos).

Por tudo isso, vale retomar a lapidar frase de Paul Celan citada em *Mimesis: desafio ao pensamento*, de Luiz COSTA LIMA (2000: 269): “a arte cria a distância do eu”. Nesta perspectiva, tanto Vila-Matas como o precursor Fernando Pessoa nos sugerem sair das derivas do imanentismo puro (ou de um textualismo absoluto que nega a si mesmo peremptoriamente) e também da leitura do mundo que se satisfaz com qualquer tipo de reflexo realista visto como espelho imediato da linguagem. Colocando-se como a sombra da sombra de Pessoa, o narrador vila-matiano não se quer apenas reencarnação do poeta lisboeta nem de seus heterônimos. Recusando a ficção do “eu” unitário e autocentrado, Soares e cia abrem as portas do Desassossego para perseguidores e sombras. Tanto o caso da alteridade ou despersonalização pessoana como o da reaparição vila-matiana do sujeito indicam processos que dizem respeito, de formas distintas, à assim chamada “fratura do sujeito” conforme a definição de COSTA LIMA (2000) no seu estudo sobre a crise da noção do sujeito solar e da própria representação na modernidade.

IX. Modo conclusão: da teoria à ficção, ida e volta

A desconfiança mútua entre teoria e ficção abre as portas para a fresta (em espanhol, a *grieta*)¹⁵, que conduz não só por entre o romance do século XXI, mas também a

¹⁴ A respeito desse tema, ver o artigo de Shaj MATHEW (2015) sobre o que pode ser considerado como um novo momento da Literatura sob o influxo do que nomeia como romance *ready-made*. Dito romance, tais como os objetos encontrados de Duchamp, coloca em jogo a relação entre o visível e o invisível na obra de arte, e é neste contexto que a mais recente produção vila-matiana pode ser situada de maneira mais efetiva.

¹⁵ Para uma teoria da ficção que parte da compreensão da Literatura como campo discursivo híbrido, remeto aqui ao título do livro de Luiz Costa LIMA (*Frestas*, 2013). Sobre a distância provocada

esse espaço ambíguo em que teorização e ficcionalização se imiscuem e até certo ponto se confundem. Em certa medida, entre as fronteiras traçáveis entre ficção e teoria, estão também aquelas que tendem a destacar, por um lado, certos paralelismos entre *mistério* e desapareção (tal como pontuados na leitura de Pessoa por Vila-Matas) e, por outro lado, a correlação entre a chamada *realidade* fatural e o mundo da *inventio* ou da engenhosidade ficcional.

É certo que os espaços distintos da crítica e da ficção são passíveis de serem bem demarcados, mas também é perceptível que a Literatura metaficcional surgida nas primeiras décadas do século XX tende a embaralhar propositalmente esses espaços, procurando, assim, questionar o estatuto das verdades narrativas estabelecidos por determinada crítica, sobretudo aquela que trabalha a partir de um viés realista ou neorrealista (mas não apenas). Se é possível detectar este tipo de crítica na própria denominação que ela reivindica para si (realismo); por outro lado, é muito mais complicado dizer no que consistiria uma crítica *metaliteraria* por si mesma. É perceptível, no entanto, que ela já deu mostra da sua existência em pesquisadores que tendem a questionar a primazia do social tomado por ele mesmo e caminham na direção ou em diversas direções que apontam para um tipo de virada epistemológica ou geográfico-cultural que tende a refletir sobre a multiplicidade dos espaços literários e sobre como a noção do sujeito autocentrado passa a ser pouco útil num período em que a ficção narrativa se volta mais para a reelaboração das formas da enunciação, para o próprio foco da narrativa e não para suas pessoas, como já anunciado por Gerard GENETTE (2017; 1972), ou mais para o ato que encerra a narração e menos para a *história* (com H maiúscula ou minúscula) encenada em cada relato.

Nesta perspectiva, é possível pensar com o Beckett autor de *Watt*, publicado em francês no *ano mirabilis* de 1968, que o relato ficcional é como uma “forma que avança pela estrada”, sendo essa estrada, acrescente-se, os protocolos de leitura que fazem atribuir ou reconhecer determinadas constelações ou tradições literárias não assentadas, como aquela aqui apenas esboçada na leitura do Pessoa presente na ficção vila-matiana. Com isso, é possível indagar com e não resolver os problemas levantados por essas obras, e apontar de alguma maneira para a proximidade entre elas, chamando a atenção, ao mesmo tempo, para como elas nos levam a um determinado tipo de mistério (qual deles seria?).

Até aqui se chega com essa cartografia mínima da presença do mistério Pessoa na obra de Vila-Matas, traçando um tenso arco que recolhe textos variados de diversas fases de sua produção. Para além das especificações que poderiam ser feitas em relação à questões de gênero literário em cada um dos campos aqui sobrevoados,

pelo espaço ficcional, ver o artigo de VILA-MATAS (2008b) a respeito do romance *Los detectives salvajes* (1998) de Roberto Bolaño. Embora de natureza distinta, ambos os textos incitam a refletir sobre a “fresta” ou sobre as “frestas” como metáforas epistemológicas que situam o incômodo lugar da ficção no mundo contemporâneo.

uma leitura ainda mais detida (e extensa) de sua obra poderia precisar ainda melhor a diversidade de aproximações ao tema do mistério pessoano em obras tão díspares (e em certo sentido até mesmo opostas) como *Montevideo* e *Bartleby y compañía*, para dar apenas um exemplo. A própria evocação da figura mevillianiana do Bartleby, central nesta última novela, apresenta traços evidentes de similaridade com o ajudante de guarda-livros Bernardo Soares. Por motivo de contenção e de espaço, opta-se aqui somente por assinalar a permanência do mistério. Pois, enfim, o que restará será ainda mistério e no fundo seguiremos gratos por isso.

Bibliografia

- BARBIERI, Ivo (1999). “Luiz, leitor de romances”. *Máscaras da mimesis. A obra de Luiz Costa Lima*. Rio de Janeiro: Record, pp. 155-170.
- BECKETT, Samuel ([1953] 1968). *Watt*. Paris: Minuit.
- BEHR, Nicolas (2020). *Rasília*. Brasília.
- CARVALHO NETO, Isaquê Pereira de (2023). “A concepção de mistério no pensamento de Eudoro de Sousa”. *Kairós*, Revista Acadêmica da Prainha, vol.19, n.º 2, Fortaleza, pp. 24-42. Disponível em: <https://ojs.catholicadefortaleza.edu.br/index.php/kairos/article/view/457>
- _____. (2020). *Mistério e repetição. História e trans-historicidade no pensamento de Eudoro de Sousa*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese doutoral em Filosofia. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/45381>
- CASTRO HERNÁNDEZ, Olalla (2016). “El sujeto escindido y la renuncia a la novela como totalidad (escritura fragmentaria e hibridación genérica en la narrativa de Enrique Vila-Matas)”. *Signa*, Revista de la Asociación Española de Semiótica, vol. 25, pp. 471-493. Disponível em: <https://revistas.uned.es/index.php/signa/article/view/16965/14551>
- CORTÁZAR, Julio (1956). *Final del juego*. México: Los Presentes.
- FONSECA, Carlos (2018). “Enrique Vila-Matas, desaparición y reencarnación de la vanguardia”. *Cuadernos hispanoamericanos*, vol. 81 [dossiê, Vila-Matas, escritor de fronteras], pp. 26-39. <https://cuadernoshispanoamericanos.com/enrique-vila-matas-desaparicion-y-reencarnacion-de-la-vanguardia/>
- GENETTE, Gerard ([1972] 2017). “Discurso da narrativa – Ensaio de método”. *Figuras III*. São Paulo: Estação Liberdade, pp. 79-350.
- GIMÉNEZ, Diego. “Repetição e plagiotropia, a presença da leitura na escrita” (2023). *eLyra*: Revista da Rede Internacional Lyracompoetics, n.º 22 [Poéticas e Políticas da Repetição], pp. 13-27. <https://elyra.org/index.php/elyra/article/view/483>
- HERRERA LÓPEZ, Gustavo Pierre (2012). “El renacimiento del autor en *Dublinesca*”. *Enrique Vila-Matas. Los espejos de la ficción*. Felipe A. Ríos Baeza (org.). México: Éon, pp. 401-418.
- KLEIN, Kelvin dos Santos Falcão (2009). “Sobrevivências pessoais: Enrique Vila-Matas lendo o Barão de Teive”. *Revista Desassossego*, vol. 1, n.º 2, pp. 167-175. <https://doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v1i2p167-175>
- LIMA, Luiz Costa (2013). *Frestas*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- _____. (2007). *Trilogia do Controle*. Rio de Janeiro: Topbooks.
- _____. (2000). *Mimesis: desafio ao pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- MATHEW, Shaj (2015). “Welcome to Literature’s Duchamp Moment”. *The New Republic*, Nova Iorque, 18 de maio, <https://newrepublic.com/article/121603/avant-garde-literature-starting-resemble-conceptual-art>
- PERRONE-MOYÉS, Leyla (1982). “O Vácuo-Pessoa”. *Fernando Pessoa: além do eu, aquém do outro*. São Paulo: Martins Fontes, pp. 71-112.
- PESSOA, Fernando (2023). *Livro do Desassossego*. Edição de Jerónimo Pizarro. São Paulo: Todavia.
- _____. (2018). *Fausto*. Edição de Carlos Pittella; com a colaboração de Filipa de Freitas. Lisboa: Tinta-da-china.
- _____. (2016). *Obra completa de Alberto Caeiro*. Edição de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta-da-China.
- _____. (2014). *Obra completa de Álvaro de Campos*. Edição de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello. Lisboa: Tinta-da-China.
- _____. (2005). *Obra poética*. Edição de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 3.ª ed.
- _____. (2004). *Poemas 1931-1933*. Edição crítica de Ivo Castro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

- _____. (1985). "Correspondência entre Fernando Pessoa e Adolfo Casais Monteiro". *A poesia de Fernando Pessoa*. Edição de Adolfo Casais Monteiro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2.^a ed. pp. 228-237.
- PORTILLO URIBE, Julieta Teresa (2018). *La presencia de Fernando Pessoa en la obra de Enrique Vila-Matas*. Benemérita Universidad Autónoma de Puebla. Tesis para obtención de licenciatura en Lingüística y Literatura Hispánica. URI: <https://hdl.handle.net/20.500.12371/7226>
- RODRÍGUEZ DE ARCE, Ignacio (2016). "El Mal de Montano: autoficción y arte de la desfiguración". *Castilla, Estudios de Literatura*, n.º 7, pp. 217-234. <https://doi.org/10.24197/cel.7.2016>
- RUSSO, Renato (1991). "L'age dor". *Legião Urbana V*. Rio de Janeiro: EMI. <https://music.youtube.com/>
- SÁ-CARNEIRO, Mário de (2004). *Correspondência com Fernando Pessoa*. São Paulo: Companhia das Letras. Edição de Teresa Sobral Cunha.
- SIMION, Sorina Dora (2016). "La figura de Fernando Pessoa en la narrativa de Enrique Vila-Matas". *Quaestiones Romanicae IV*, Universitatea de Vest Din Timișoara; Universitatea din Szeged, pp. 504-512. <https://ciccre.uvt.ro/ro/quaestiones-romanicae/quaestiones-romanicae-iv>
- SOUSA, Eudoro de (2000a). "Objectividade poética". *Origem da poesia e da mitologia e outros ensaios*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 323-328.
- _____. (2000b). "Um poema 'dionisiaco' de Álvaro de Campos". *Origem da poesia e da mitologia e outros ensaios*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 329-337.
- _____. (1975). *Horizonte e complementaridade: Ensaio sobre a relação entre mito e metafísica, nos primeiros filósofos gregos*. Brasília: Universidade de Brasília.
- TABUCCHI, Antonio ([1991] 2001). *Requiem. Uma alucinação*. Rio de Janeiro: Rocco.
- VILA-MATAS, Enrique (2022). *Montevideo*. Barcelona: Seix Barral.
- _____. (2010a). *Dublínescas*. Barcelona: Seix Barral.
- _____. (2010b). *Perder Teorías*. Barcelona: Seix Barral.
- _____. (2008a). "Un tapiz que se dispara en muchas direcciones". *El viento ligero en Parma*. México: Sexto Piso, pp. 61-78.
- _____. (2008b). "Bolaño en la distancia". *El viento ligero en Parma*. México: Sexto Piso, pp. 79-87.
- _____. (2005). *Doctor Pasavento*. Barcelona: Anagrama.
- _____. (2002). *El Mal de Montano*. Barcelona: Anagrama.
- _____. (2000). *Bartleby & cia*. Barcelona: Anagrama.
- _____. (1991). *Suicidios ejemplares*. Barcelona: Anagrama.
- _____. (1984). *Historia abreviada de la literatura portátil*. Barcelona: Anagrama.

ERIVELTO DA ROCHA CARVALHO é docente e pesquisador na Universidade de Brasília, atuando na área de Literaturas Hispânicas do Departamento de Teoria Literária e Literaturas, bem como no Programa de Pós-Graduação em Literatura. Doutor em Literatura Espanhola e Hispano-Americana pela Universidad de Salamanca, realizou estágios pós-doutorais de pesquisa na Universidad Iberoamericana de Puebla, na Benemérita Universidad Autónoma de Puebla e na Universidade Federal de Goiás. Como organizador, participou da publicação da *Antologia poética hispano-brasileira contra a violência de gênero* (2021) e do livreto *A Poesia e a Cidade* (2023). É coautor de *Os Ibéricos. História, liberdade e literatura. Viagens pelo sublime* (2016). Atualmente, seus estudos estão voltados para o campo das modernidades ibéricas e ibero-americanas. Membro da Asociación de Cervantistas (AC), coordena o grupo de pesquisa *Estudos de Recepção e Intertextualidade*.

ERIVELTO DA ROCHA CARVALHO is a professor and researcher at the University of Brasília, working in the field of Hispanic Literatures within the Department of Literary Theory and Literatures, as well as in the Graduate Program in Literature. He holds a Ph.D. in Spanish and Hispano-American Literature from the University of Salamanca and has completed postdoctoral research fellowships at the Ibero-American University of Puebla, the Meritorious Autonomous University of Puebla, and the Federal University of Goiás. As an editor, he contributed to the publication of the *Hispano-Brazilian Poetic Anthology Against Gender Violence* (2021) and the booklet *Poetry and the City* (2023). He is also co-author of *The Iberians: History, Freedom, and Literature. Journeys Through the Sublime* (2016). Currently, his research focuses on the field of Iberian and Ibero-American modernities. A member of the Asociación de Cervantistas (AC), he coordinates the research group *Studies on Reception and Intertextuality*.